

Determinantes da Massa Óssea do Esqueleto Total em Mulheres Pré-menopáusicas de Porto Alegre: Um Estudo de Base Populacional

Autor: Sylvia Villar Mello Guimarães
Orientadores: Sandra Costa Fuchs
José Augusto Sisson de Castro

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Mestre em Medicina: Endocrinologia, em 21 de dezembro de 2001.

Objetivo: Avaliar a associação entre raça e densidade mineral óssea de uma amostra populacional de mulheres pré-menopáusicas de Porto Alegre.

Métodos: Amostra representativa de 158 mulheres com idade entre 25 a 45 anos residentes em Porto Alegre, RS, Brasil. Entrevistadores treinados aplicaram questionários padronizados, pré-testados e pré-codificados para estudar as características emográficas, socioeconômicas e hábitos comportamentais que associam-se à densidade mineral óssea. A raça foi determinada pela observação da cor da pele por entrevistador treinado e pelo número de ancestrais da raça negra. A densitometria óssea de corpo total (DMOT), por absormetria de Raio-X duo-energético (DXA) foi realizada no Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Resultados: 105 mulheres que não apresentaram ancestrais da raça negra foram classificadas como brancas, 13 mulheres com um a dois ancestrais negros, como mistas e 40 mulheres com três ou mais ancestrais da raça negra, como negras. Uma associação significativa ($p < 0,05$) foi encontrada entre a DMOT e o número de ancestrais da raça negra, ingestão de cálcio < 300 mg/dia, altura, renda familiar *per capita* e

consumo de bebidas alcoólicas. O conteúdo mineral ósseo total (CMOT) associou-se significativamente ($p < 0,05$) somente com o número de ancestrais da raça negra, altura e peso. Na análise multivariada observamos que a altura, ingestão de cálcio, atividade física e número de ancestrais negros associaram-se com a DMOT de maneira significativa e independente. A associação das mesmas características com o CMOT, exceto o cálcio, também foram independentes e significativas. Estas variáveis explicaram 21,3% e 40,0% das diferenças de DMOT e CMOT, respectivamente. Na comparação entre os grupos divididos pelo número de ancestrais da raça negra as diferenças entre as médias de DMOT e CMOT entre brancas e negras foram significativas ($p = 0,0013$), não havendo outras diferenças entre os três grupos.

Conclusão: A raça identificada pelo número de ancestrais é o principal determinante da massa óssea medida pelo DMOT ou CMOT.

Palavras-chave: Massa óssea. Densitometria. Climatério. Epidemiologia. Pré-menopausa.

Avaliação do Desempenho da Dopplerfluxometria em Relação a Complicações Maternas e Perinatais em Gestantes com Diabetes Mellitus.

Autor: Rosy Ane de Jesus Pereira Araújo Barros
Orientador: Prof^a. Dra. Anna Maria Bertini
Co-orientador: Prof. Dr. Wladimir Taborda

Apresentada ao Departamento de Obstetrícia da Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina para obtenção do Título de Mestre em Obstetrícia, em 13 de dezembro de 2001.

Objetivo: Avaliar o desempenho da Dopplerfluxometria das artérias uterinas, umbilicais e cerebrais médias no curso da gestação de diabéticas.

Pacientes e Método: Foram incluídos 32 gestantes diabéticas, que fizeram uso de insulina para o controle glicêmico. Foi estudada a evolução dos índices de resistências ao longo da gestação e correlacionado a complicações maternas e perinatais.

Resultados: A incisura bilateral nas artérias uterina teve acurácia similar para as complicações maternas (pré-eclâmpsia e parto pré-termo). A sensibilidade foi 40% e 38%; especificidade de 85% e 88%; VPP de 33%

e 50% e VPN foi de 88% e 80%, respectivamente. Para os eventos perinatais foram utilizadas as artérias umbilicais, cerebrais médias e a ocorrência de centralização de fluxo sanguíneo. As artérias umbilicais demonstraram baixa sensibilidade (33%, 0% e 25%) e VPP (33%, 0% e 17%); e valores mais elevados de especificidade (85%, 77% e 82%) e o VPN (85%, 77% e 88%). As artérias cerebrais médias apresentaram sensibilidade (67%, 50% e 75%), especificidade (80%, 77% e 78%) e VPN (91%, 87% e 95%) melhores para detectar os eventos perinatais, no entanto, com baixo VPP (44%, 33% e 33%). A centralização do fluxo sanguíneo fetal reve-

lou baixa sensibilidade (33%, 17% e 25%) e VPP (50%, 25% e 25%), com elevada especificidade (92%, 88% e 89%) e VPN (85%, 82% e 89%).

Conclusão: A Dopplerfluxometria das artérias uterinas foi considerado um método satisfatório para prever a ausência de pré-eclâmpsia e parto pré-termo. A Dopplerfluxometria das artérias umbilicais e cerebrais

médias demonstrou ser um bom método para prever a ausência de complicações neonatais como baixo peso ao nascer, policitemia e ingresso em UTI.

Palavras-chave: Dopplervelocimetria. Diabetes melito. Hipertensão. Morbidade perinatal. Complicações da gravidez.

Prevalência dos Genótipos do Papilomavírus Humano na Cérvix Uterina de Pacientes Infectadas com o Vírus da Imunodeficiência Humana e sua Associação com o Grau das Lesões do Colo Uterino.

Autora: Juliana Barroso Zimmermann
Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo de Melo

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 22/02/2002, para obtenção do título de Mestre.

Mulheres HIV positivas apresentam 80% de prevalência de HPV na cérvix uterina, sendo assim, acredita-se que maior seja a chance de desenvolvimento de neoplasias do colo uterino. Com o objetivo de avaliar a prevalência dos genótipos de HPV na cérvix uterina, a associação destes com a gravidade das lesões e a imunidade do hospedeiro, foi realizado um estudo prospectivo com 104 pacientes HIV positivas. Tais pacientes foram submetidas a exame citológico, coleta de material para PCR, colposcopia (para orientação da biópsia) e exame histopatológico. Obteve-se 87 pacientes com PCR positiva para HPV. Realizou-se 60 biópsias, onde diagnosticou-se 24 casos de neoplasia intra-epitelial cervical grau I (40%), 8 casos de neoplasia

intra-epitelial grau II (13,3%), 3 casos de neoplasia intra-epitelial grau III (5%). Observou-se ainda 14 casos (23,3%) de cervicite crônica e 11 casos (18,3%) de efeito citopático produzido pelo HPV, mas sem perda da polaridade celular. Os HPVs mais prevalentes foram o 6 e o 16, sendo que o tipo 6 esteve associado a lesões de baixo-grau ($p=0,007$) e o tipo 33 a lesões de alto-grau ($p=0,014$). Não houve diferença entre a média de CD4 dentre os diferentes tipos de lesão de colo uterino ($p=0,9$).

Palavras-chave: Neoplasias do colo uterino. Papilomavírus humano. Síndrome da imunodeficiência adquirida.

Relação da Aparência, Extensão e Localização das Lesões com o Tipo e Severidade da Dor em Pacientes com Endometriose

Autora: Patrícia de Almeida Silva Reis
Orientador: Prof. Dr. Antonio Alberto Nogueira

Apresentação ao Departamento de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP para obtenção do grau de Doutor, em 29 de janeiro de 2001.

Objetivo: Este estudo como objetivo investigar a relação entre as características das lesões de endometriose à laparoscopia e a sintomatologia dolorosa associada.

Casística e Métodos: Após responderem a um questionário para avaliação de dor pélvica, foram incluídas 106 mulheres submetidas à laparoscopia, sendo 79 com endometriose e 27 controles. As lesões endometrióticas visualizadas foram registradas segundo o sistema da American Fertility Society (AFS) para manejo da endo-

metriose na presença de dor pélvica, e classificadas segundo o sistema da American Society for Reproductive Medicine *(ASRM).

Resultados: Houve associação entre a presença de endometriose e a presença e intensidade da dor pélvica ($P<0,0001$). Esta associação também foi significativa quando considerados os diversos tipos de dor pélvica: dismenorréia ($p<0,0001$), dispareunia ($p=0,0002$) e dor acíclica ($p<0,0001$). Entre as mulheres com endometriose, as únicas lesões associadas

com a presença de dor pélvica foram as lesões pretas profundas ($p=0,047$) cuja área estimada também apresentou correlação com a intensidade da dor tanto pela escala analógica visual ($p=0,005$) quanto pelo sistema da AFS ($p=0,02$). Não houve diferença entre os diversos estádios da endometriose quanto à presença e intensidade da dor pélvica.

Conclusões: A presença e intensidade da dor pélvica

estão associadas com a presença de endometriose. As lesões típicas profundas apresentam associação com a dor, cuja intensidade depende da extensão anatômica deste tipo de lesão. Não se observa associação entre o tipo e intensidade da dor e a localização das lesões ou o estágio da doença.

Palavras-chave: Endometriose. Dor pélvica.

RBCO 24(6):420,2002

Resumos de Tese

Estudo Quantitativo da Apoptose no Epitélio Mamário Adjacente ao Fibroadenoma em Mulheres no Mecname Tratadas com Diferentes Doses de Tamoxifeno.

Autor: Paulo Sérgio Sanches Tanaka
Coordenador: Prof. Dr. Luiz Henrique Gebrim
Prof. Dr. Wagner José Gonçalves

Apresentada à Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina, para obtenção do Título de Mestre em Ginecologia, em 7 de junho de 2001.

O tamoxifeno vem sendo utilizado na profilaxia do carcinoma de mama, entretanto pouco se conhece a respeito da droga no epitélio mamário normal. Estudaram-se 63 mulheres na pré-menopausa, eumenorréicas e com fibroadenoma que tomaram diferentes doses daquele medicamento. As mulheres foram distribuídas em quatro grupos: Grupo A ($n=13$; controle), Grupo B ($n=16$; 5 mg/dia), Grupo C ($n=17$; 10 mg/dia) e grupo D ($n=17$; 20 mg/dia). Todas iniciaram a terapêutica no primeiro dia do ciclo e foram biopsiadas após 50 dias. Os fragmentos de tecido mamário adjacentes ao fibroadenoma foram fixados em formol a 10% e corados por hematoxilina-eosina. Estudaram-se os corpúsculos apoptóticos entre 1000 células, utilizando o microscópio ZEISS com o aumento de 400X, conectado a um microcomputador. O número médio de corpúscu-

los foi, respectivamente, 25 no Grupo A; 16,5 no Grupo B; 11,2 no C e 6,5 no D. A análise de variância revelou que os grupos C e D tinham diferenças estatísticas em relação ao grupo controle, e o teste de comparações múltiplas de Tukey confirmou significativa redução dos corpúsculos nos Grupos C e D. Conclui-se que o tamoxifeno, nas doses de 10 e 20 mg/dia, reduziu o número de corpúsculos apoptóticos no epitélio do lóbulo mamário normal de mulheres no menacme após 50 dias de tratamento. Não houve também diferença entre as doses de 10 mg e 20 mg quanto aos índices de apoptose.

Palavras-chave: Mama: Doença Benigna. Mama: Câncer. Apoptose.

RBCO 24(6):420-421,2002

Resumos de Tese

Associação entre Temperatura Ambiental e Hipertensão Arterial em Primigestas

Autor: Janete Vettorazzi Stuczynski
Orientador: Prof. Dr. José Geraldo Lopes Ramos

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Medicina: Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 08 de outubro de 2001.

A temperatura ambiental tem sido apontada como um dos fatores que influenciam na incidência dos distúrbios hipertensivos na gestação. Este estudo teve como objetivo avaliar a incidência de hipertensão arterial em primigestas e sua associação com a variação da temperatura média e mínima do dia do diagnóstico, dos 7 dias anteriores e mensal. Realizamos um estudo

prospectivo caso-controle entre primigestas com idade gestacional maior de 20 semanas com feto vivo internadas no Centro Obstétrico do Hospital de Clínicas de Porto Alegre durante 1999. Foram estudadas 1327 gestantes, sendo que a incidência de pré-eclâmpsia foi de 9,7% e outros distúrbios hipertensivos de 7,6%. A idade média foi de 21 anos, a idade gestacional mé-

dia 38,6 semanas e a porcentagem de nascimento pré-termo de 14,7%. Não houve associação significativa entre a incidência dos distúrbios hipertensivos e a temperatura média e mínima do dia do diagnóstico e nem dos 7 dias anteriores. Em 1999, ocorreu variação significativa ($p < 0,05$) na incidência dos distúrbios hipertensivos sendo a incidência maior no mês de setembro (temperatura média de 17° C). Encontrou-se correlação entre aumento da pressão arterial diastólica e diminuição da temperatura ($p < 0,05$). A partir dos re-

sultados encontrados não podemos concluir que a temperatura, como fator isolado, seja responsável pelo aumento na incidência de PE ou hipertensão arterial, apesar de algumas variações mensais. Sendo a PE uma doença de etiologia multifatorial não conhecida, não é de se esperar que um fator isolado seja responsável pelo desencadeamento da doença.

Palavras-chave: Hipertensão. Complicações da gravidez. Temperatura ambiental.

Influência do Controle Metabólico Materno nos Resultados da Cardiotocografia Anteparto e sua Relação com o Prognóstico Perinatal, nas Gestações Complicadas pelo Diabetes

Autor: Moacyr Sanches Mascaro

Orientadora: Profa. Dra. Iracema de Mattos Paranhos Calderon

Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp, para obtenção do título de Mestre em Medicina, Área de concentração: Obstetrícia, em 22 de fevereiro de 2002.

Objetivos: Relacionar a qualidade do controle metabólico com os resultados da cardiotocografia (CTG) anteparto e avaliar sua capacidade preditiva no prognóstico perinatal de gestações associadas ao diabetes. **Sujeitos e Método:** Estudo retrospectivo de 125 gestantes, portadoras de diabetes gestacional ou clínico, no qual se relacionou a última CTG anteparto (intervalo máximo de 48 horas) à qualidade do controle metabólico materno e aos resultados perinatais. A qualidade do controle metabólico foi definida pela média glicêmica do dia do exame (MGd) e da gestação (MG) e pelo comportamento da requisição de insulina (R/insulina). Para os resultados perinatais foram analisados os índices de Apgar de 1° e 5° minuto, a classificação peso/idade gestacional, o tempo de internação, a necessidade de cuidados de UTI e a ocorrência de óbito neonatal (ONN) precoce. A capacidade diagnóstica da CTG anteparto foi avaliada pelos índices de sensibilidade (SENS), especificidade (ESP) e valor preditivo positivo (VPP) e negativo (VPN).

Resultados: A MGd adequada (< 120 mg/dL) se associou a 2,9% dos resultados de CTG anteparto alterados e a inadequada (≥ 120 mg/dL), a 26,1% ($p < 0,005$). A MG mantida inadequada na gestação se relacionou a 13,7% de CTG anteparto alterada e a adequada, a apenas 2,7% ($p < 0,005$). O comportamento da requisição de insulina não interferiu nos resultados da CTG anteparto. E, do mesmo modo, os índices de Apgar de 1° e 5° minuto, a necessidade de cuidados de UTI e a

ocorrência de ONN não dependeram do último traçado da CTG anteparto. O exame diferenciou o tempo de internação dos recém-nascidos (RN): quando normal, 46,4% tiveram alta hospitalar até o 3° dia de vida e, quando alterado, 62,5% deles ficaram internados por mais de sete dias. Os melhores índices relativos à capacidade diagnóstica da CTG anteparto corresponderam a 87,9% e 96,5% de ESP, respectivamente para Apgar de 1° e 5° minuto e VPN elevados (entre 80 e 98,1%) para todas as variáveis neonatais. Foram obtidos índices de SENS de 66,6% e 88,8%, respectivamente para cuidados de UTI e tempo de internação ou ONN precoce e VPP baixo para qualquer variável neonatal.

Conclusões: Os resultados alterados da última CTG anteparto relacionaram-se com níveis inadequados de MG, diária e da gestação, e não dependeram da R/insulina. Não se observou influência da CTG anteparto sobre os índices de Apgar de 1° e 5° minuto, necessidade de cuidados de UTI e ocorrência de ONN. A CTG anteparto normal favoreceu a alta hospitalar precoce; a alterada, o maior tempo de internação dos RN. O teste normal foi adequado para garantir a saúde neonatal. Ao contrário, os resultados alterados se relacionaram ao maior tempo de internação e indicaram risco de complicações, nos filhos de mães diabéticas.

Palavras-chave: Diabetes melito. Cardiotocografia. Complicações da gravidez. Resultado perinatal. Óbito neonatal.